

JOSÉ DE SOUZA MARTINS

✉ josedesouza.martins@2me.com.br



As flores da Rua Joly

Num sábado à tarde, de novembro de 1884, a Condessa d'Eu, com os filhos, ainda crianças, foi de bonde puxado a burro conhecer a Chácara das Flores, no Brás. Ficava no Marco da Meia Légua, pouco adiante da Ponte Preta, na Rua do Brás, mais tarde Rua da Intendência e hoje Avenida Celso Garcia. A Princesa Isabel não

ligou muito para as flores de Jules Joly. Queria era livrar-se do enxame de repórteres. Na volta, pediu um bonde só para ela e os filhos, deixando os jornalistas a pé. Lá era o confin da cidade, o extremo do chamado rocío.

Júlio Joly era francês de Grenoble. Chegara a São Paulo, com 27 anos de idade, em 1828, onde, com um patrício, montou uma livraria, animado pela

abertura do Curso Jurídico, atual Faculdade de Direito. Em meados do século, tinha uma loja de miudezas de luxo trazidas da França: joias de verdade e de fantasia, cristais, porcelanas, eventualmente vinhos e até elixires. Todo ano viajava para lá e voltava carregado desses objetos de desejo de uma sociedade caipira que estava ficando rica com a agricultura de café e se afrancesava ao mesmo

tempo. Era uma espécie de sacoleiro de luxo. Semanas antes de viajar, fazia leitões dos estoques de sua loja de sobrado na Rua do Rosário, atual Álvares Penteado, de modo a recuperar o capital para renovar estoques.

A Chácara das Flores foi criada no terreno do Brás, em 1856, depois que Joly, sem êxito, tentou vendê-lo. Com as mercadorias para sua loja, começou a trazer da França, na bagagem, sementes e mudas de flores. A chácara tinha cerca de um hectare, um sobrado, ao qual se chegava por uma alameda ladeada por palmeiras, vários animais, mais de mil árvores frutíferas, parreiras, senzala para os escravos. O terreno era atravessado por um córrego de boa água. Dizia ter 400 variedades de camélias e de rosas, além, de dalias, rododendros, azaleias.

Na Rua da Imperatriz, hoje 15 de Novembro, abriu uma floricultura, onde vendia buquês e arranjos florais. Joly colocou as flores na vida cotidiana dos pau-

listanos, libertando-os da rusticidade que havia até mesmo nos casarões senhoriais.

Em 1886, fez o arruamento da chácara para venda de lotes. A uma das ruas deu seu próprio nome, Rua Joly, que assim se chama até hoje. Em 1893, cego, foi submetido a temerária cirurgia de catarata pelo doutor Carlos Botelho, aqui mesmo, o que lhe permitiu voltar a ler e escrever. Faleceria no ano seguinte, com 93 anos de idade. Seus filhos se radicaram em Itatiba, como fazendeiros e lojistas. Tinham escravos. Lá foi celebrada sua missa de 7.º dia.

Joly se gabava de ter sido o introdutor do gosto pela jardinagem amadora em São Paulo. Foi quem estimulou entre nós o passatempo masculino do cultivo de rosas, numa época em que o único passatempo dos homens era a caçada. Perfumou aqui o caminho da civilização.

Museu da Energia terá anexo de R\$ 12 mi

Prédio high-tech vai abrigar acervo de fotos e maquinários que hoje estão em um galpão

Edison Veiga

No coração do bairro de Campos Elísios, região central de São Paulo, o casarão histórico que abriga o Museu da Energia de São Paulo está prestes a ganhar um irmão caçula: no segundo semestre deve começar a ser construído um moderno prédio anexo, sustentável e high-tech, com custo estimado em R\$ 12 milhões.

O novo edifício vai abrigar o Núcleo de Documento e Pesquisa da Fundação Energia e Saneamento – instituição que administra os cinco museus da energia paulistas. Atualmente, todo o acervo está guardado em um galpão no bairro do Cambuci, também na região central.

São milhares de itens, como fotografias – entre elas, cerca de 600 originais do suíço Guilherme Gaensly (1843-1928), um dos pioneiros a fotografar São Paulo –, objetos e maquinários relacionados a energia e saneamento e documentos. Há luminárias antigas e os primeiros medidores de energia elétrica, centenas de negativos de vidro e 15 mil imagens estereoscópicas – que, na primeira metade do século 20, possibilitava ver uma foto em 3D.

Trazer o acervo que está no Cambuci para perto do casarão era sonho antigo da administração da instituição. “Entendemos que, com isso, toda essa riqueza documental se torna mais acessível”, conta a arquiteta Mariana Rolim, superintendente da fundação.

Hoje em dia, para consultar o acervo como um todo, é preciso

● Patrimônio

MARIANA ROLIM
SUPERINTENDENTE DA FUNDAÇÃO ENERGIA E SANEAMENTO

“Nosso acervo é importante porque energia e saneamento caminham juntos com o desenvolvimento urbano – ou seja, aqui estão documentadas as criações de muitos bairros”

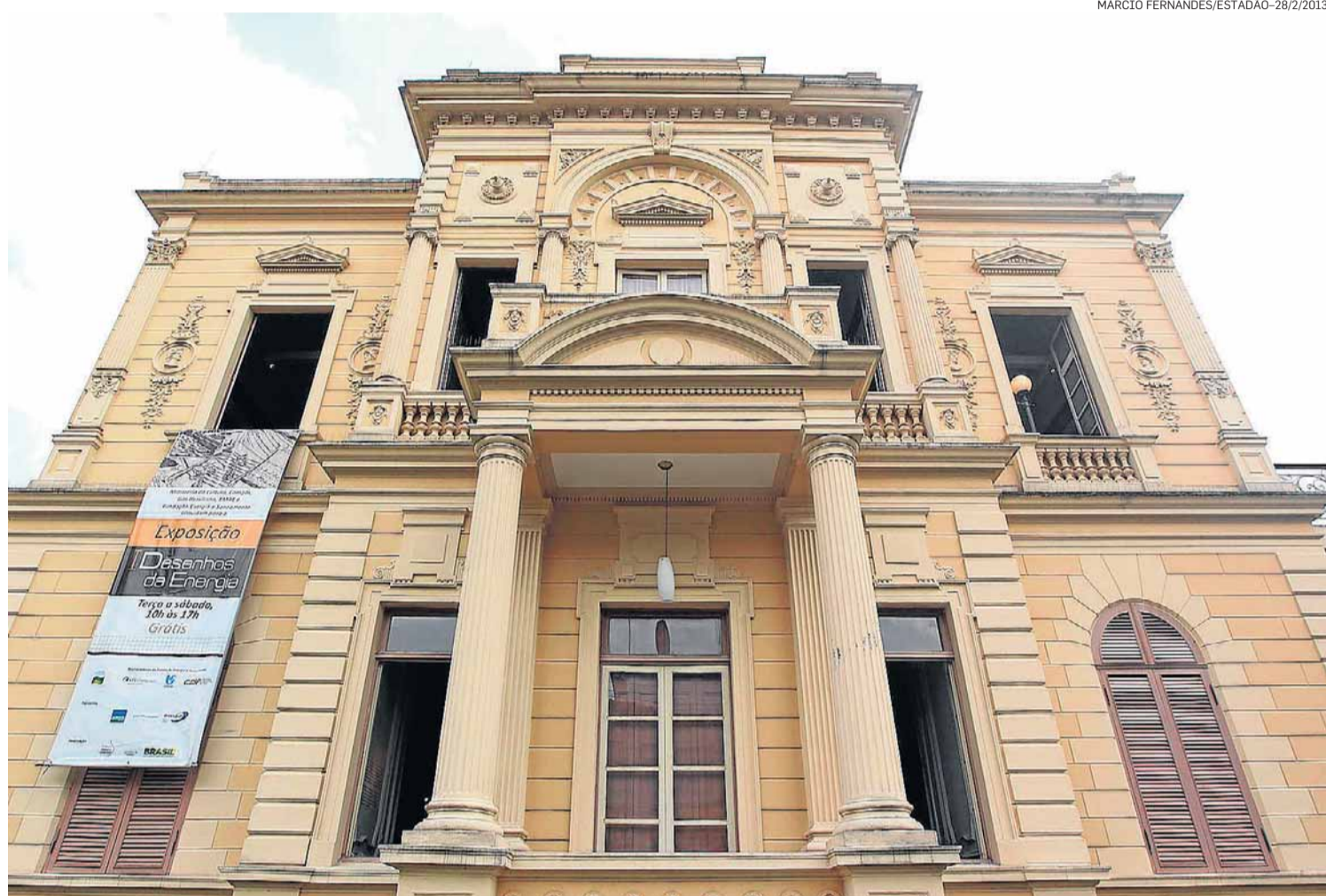
“Hoje, nem 5% do acervo fica exposto. Após a construção desse edifício, o acesso a todo o material será facilitado ao público em geral”

“Será um prédio moderno, mas precisamos deixar claro que o histórico é o mais importante”

agendar com antecedência. Já o museu organiza exposições temporárias com uma parte desse material.

Melhorias. Além do acervo do núcleo, o novo prédio também terá um auditório para eventos, espaço para o setor administrativo – que hoje ocupa o casarão vizinho ao principal –, auditório para eventos, uma cafeteria para os visitantes e um novo espaço expositivo. Com o casarão vizinho também desocupado, o Museu da Energia passa a ter, portanto, três espaços para exposições em um mesmo complexo.

“Será fantástico. Poderemos pensar em eventos mais abrangentes e, certamente, vamos atrair mais público”, explica Mariana. “Sabemos que a própria



Histórico. Casarão que abriga a instituição foi construído em 1894; ele também vai continuar como espaço de exposição



Projeto. Extensão também terá auditório e cafeteria



Cronograma. Construção começa no segundo semestre

abertura completa do arquivo vai atrair mais público ao museu”, aposta a superintendente da Fundação Energia e Saneamento.

A previsão é que as obras comecem até o fim do ano e levem 14 meses. O custo será bancado por um pool de patrocinadores. Outro desafio da atual administração é digitalizar completamente o acervo. A expectativa é conseguir fazer isso ainda em 2013 – para tanto, alguns parceiros estão sendo consultados.

História. O casarão que hoje abriga o Museu da Energia foi construído em 1894, pela família Santos Dumont. Ali morou o irmão do avião, Henrique Santos Dumont, e sua família. Mais tarde, o prédio abrigou o Colégio

Stafford e a sede da Sociedade Pestalozzi. O imóvel ao lado, hoje ocupado pela administração do museu, é de 1927 – período do colégio. Ambos são tombados como patrimônio histórico.

No início dos anos 1980, o casarão foi ocupado por moradores de rua – situação que durou até 2001. As obras para a criação do museu foram concluídas em 2005, quando a instituição foi aberta ao público.

Serviço

MUSEU DA ENERGIA DE SÃO PAULO.
ALAMEDA CLEVELAND, 601, CAMPOS ELÍSIOS. TEL.: (11) 3333-5600, RAMAL 211. ABERTO DE TERÇA A SÁBADO, DAS 10H ÀS 17H. ENTRADA GRATUITA

Fundação completa 15 anos com agenda cheia de eventos

● Mantida pelas empresas AES Eletropaulo, Sabesp e Companhia Energética de São Paulo (Cesp), a Fundação Energia e Saneamento, responsável pelo Museu da Energia, completa 15 anos em 2013 e vai comemorar com lançamento de livro, portal e exposições especiais nas cinco unidades que formam a rede Museu da Energia: São Paulo, Itu, Jundiaí, Rio Claro e Salesópolis. **Abre a agenda a exposição Guarapiranga: Uma Represa Cen-**

tenária, a partir do dia 15, na unidade de Itu do Museu da Energia. Na mesma data, a unidade inaugura um projeto de discussões de aspectos históricos, técnicos e ambientais do saneamento no Estado.

Está previsto para este mês a inauguração de um portal na internet com informações completas sobre o acervo, serviços e projetos da instituição.

Em junho, será a vez do lançamento do livro *As Transformações Urbanas no Início do Século XX em São Paulo*, que vai mostrar, as mudanças na cidade por meio do progresso dos setores de energia elétrica e saneamento. / E.V.

Paulistices | Curiosidades da metrópole | Edison Veiga

estadão.com.br

blogs.estadao.com.br/edison-veiga

O PAPA É POP

Exposição lembra Bento XVI em SP



Entre a noite do dia 9 e a tarde do dia 11 de maio de 2007, o Mosteiro de São Bento, no centro de São Paulo, teve o mais ilustre hóspede de sua história: em meio a uma maratona de compromissos, foi ali que descansou o papa

Bento XVI, em sua visita à capital paulista.

Após a renúncia do pontífice, os monges beneditinos organizaram uma exposição para lembrar esses momentos. Fotografias e objetos usados por Bento XVI em sua passagem pela casa podem ser vistos pelo público de segunda a sexta-feira, das 13h às 17h, e aos domingos, após a missa das 10h até 12h30. Com entrada grátis, a mostra fica aberta até a eleição do novo papa, que deve ser neste mês.

Fazem parte da exposição o trono usado pelo religioso, livros e medalhas comemorativas. Entre as imagens, destaca-se a que mostra o pontífice caminhando no jardim do claustro (à esquerda). O quarto em que ficou Bento XVI, cuja decoração é mantida em caráter museológico até hoje, não será aberto à visitação – pois fica em ambiente de acesso restrito aos monges.



Todas as janelas. Fachadas de prédios paulistanos são tema das fotos de Rodrigo Kassab – primo do ex-prefeito – expostas a partir de quarta na Galeria Lume (Rua Joaquim Floriano, 711, 2º andar, tel.: 11 3704-6268)

OLHASÓ..

Ler, uma história. Até 30 de abril, no Espaço de Leitura do Parque da Água Branca, em Perdizes, está em cartaz a exposição *Desenrolando o Livro*. A mostra está dividida em três partes: 12 painéis que mostram a evolução dos formatos de livros ao longo da história, uma instalação que instiga o visitante a pensar nas entrelinhas, e uma brincadeira que compara um livro a um canteiro de plantas.

Mulheres guerreiras. Vai até 12 de maio, no Madalena Centro de Estudos da Imagem (Rua Faisão, 75, tel.: 11 3473-5412), exposição de fotos de mulheres que trabalharam na indústria bélica durante a 2ª Guerra.